

**HIPERTEXTO:
UMA POSSIBILIDADE DE CRÍTICA TEXTUAL
(Continuação do número 31)**

Andréa Abrate Coimbra Machado (UNESA)

Nataniel dos Santos Gomes (UNESA)

O TEMPLO DO SABER

**Uma biblioteca é a melhor imitação possível,
por meios humanos, de uma mente divina, onde
o Universo é visto e compreendido ao mesmo
tempo. (ECO, 2003)**

O livro em sua forma mais antiga é conhecido como rolo de papiro que era confeccionado com uma planta de mesmo nome e utilizado por egípcios, gregos e romanos para escrever (SPINA. 1977: 23). O papiro em grego era chamado *biblos*, que significava “o livro” e tem origem na palavra *Biblos*, nome do porto do fenício de onde eram exportados os tais objetos. O plural de *biblos* era ta bíblia, o que significava ao pé da letra “os livros”, que foi utilizado pelo latim eclesiástico para designar “o conjunto de livros” ou “o lugar onde cataloga e empresta livros e outros impressos ao público” (HOUAISS, 2001: 58). Nem sempre foi assim.

As primeiras escritas apareceram na Mesopotâmia, onde também surgiram as primeiras civilizações urbanas, entre o sexto e o primeiro milênio a.C. Essas civilizações eram administradas por um único governante que para administrar melhor, costumava registrar o número de sacos de grãos e cabeças de gado. Para isso contava com os escribas, que registravam esses cálculos em tábuas de argila que eram secas ao sol. A escrita utilizada era a cuneiforme (em forma de cunha), que foi uma criação dos sumérios. Essa escrita era monopolizada pelos sacerdotes e por letrados. Para marcar essas tábuas eram usados metais, ossos e marfins pontiagudos.

Já no Egito, existiram três sistemas de escritas: os hieróglifos, que era o mais complexo, sendo utilizado somente pelos escribas; o hierático, que era sagrado e monopolizado pelos sacerdotes; e o demótico, que era simplificado e de cunho popular. Se estivermos pensando em termos de bibliotecas, essas primeiras escrituras nas pare-

des também representam a necessidade do homem de eternizar seus pensamentos, sua cultura (MELLO, 1985: 37).

Assim a palavra bíblia, passou a ser utilizado pelo latim eclesiástico para definir este lugar tão venerado pelos padres da Igreja na Idade Média. Ali se guardavam coleções de livros. Todo esse processo está ligado ao colecionismo e ao poder. Ao colecionismo, por que está unida a idéia de posse, logo ao poder. Os livros eram objetos caríssimos e trabalhosos de serem confeccionados e só os possuíam, homens ligados diretamente à Igreja, como padres ou monges, ou aqueles que de alguma maneira mantinham ligações com esse poder, além dos estudiosos (GRECO).

Ao preservarem essas coleções, os homens queriam na verdade, imortalizar em seus livros, seu patrimônio cultural. Foi a maneira encontrada para perpetuar suas idéias e sentimentos que estavam ali descritos.

Nesse primeiro momento, os livros eram tão somente parte de coleções inteiras de idéias e sentimentos, e só podiam ser abertos com a autorização da Santa Igreja, pois seu uso era restrito ao clero e aos homens ligados ao poder, tais como reis e imperadores. O saber estava aprisionado para que se pudessem manipular, através do medo e da coação, aqueles que desconheciam seu conteúdo.

Foi durante o Renascimento, época em que houve uma grande revolução cultural, na qual a preocupação dos homens era a busca pela cultura antiga em oposição à cultura medieval, a qual desprezavam, como veremos posteriormente, que houve uma abertura maior em relação à cultura e o uso de literatura, pois os humanistas, que eram clérigos ou protegidos por mecenas (homens de dinheiro e influência que financiavam os artistas), buscaram por essa liberação.

Conforme foi dito anteriormente, com o passar do tempo e com a chegada do Renascimento, o uso das bibliotecas se aproxima daquele que conhecemos hoje, pois a investigação à cultura Clássica permitiu esse acesso, mas somente depois da Revolução Francesa que essas bibliotecas, consideradas por muitos antropólogos como museus públicos, tornaram-se “instrumentos de democratização do saber”.

Como pudemos ver, as bibliotecas tinham e têm como pre-

missa a conservação e a eternização de idéias e sentimentos.

Biblioteca da Alexandria, a maior biblioteca da Antigüidade

As bibliotecas, ao longo dos séculos, têm sido o meio mais importante de conservar nosso saber coletivo (ECO, 2003).

A Alexandria foi fundada pelo Imperador Alexandre Magno, por volta de 332 a.C., entre o lago Mareotis e o Mar Mediterrâneo, no Egito. Era uma cidade célebre pelo seu farol de mais de 400 m de altura, o qual auxiliava o grande movimento que havia naquele porto. Foi um centro cosmopolita onde circulavam pessoas de todas as nacionalidades, onde reinava a liberdade de culto. A cidade alcançou um grande tráfico comercial, pois ali era o ponto de convergência de vários lugares tais como Grécia, Egito, Oriente e todo o Mediterrâneo. Era para a época, a Nova York de nossos tempos.

Foi o célebre arquiteto “Deinócrates, que orientou a construção do templo de Diana de Êfeso (*Enciclopédia*, p. 304)”, foi quem cuidou de todos os detalhes da construção da cidade, dando-lhe uma forma de clâmide grega, em outras palavras, um desenho geométrico característico das cidades modernas daquela época.

O Imperador Alexandre Magno foi educado nos moldes da cultura grega e por isso acabou se empenhando em propagar essa cultura por todo o mundo, inclusive no Egito que durante séculos e séculos foi autônomo em termos de cultura, o que favoreceu o crescimento daquela sociedade no que diz respeito ao crescimento intelectual.

A Alexandria possuiu a maior biblioteca do mundo na Antigüidade, que chegou a guardar mais de 700 mil textos em volumes diversos. Tudo nos mostra que o surgimento dessa biblioteca deve-se ao fato de que Demétrio Falério, talentoso filósofo exilado, insistiu a Ptolomeu I Sóter, faraó do Egito, que reinou que a construísse, mas há quem defenda a idéia de que ela surgiu da biblioteca pessoal de Aristóteles.

Esta biblioteca foi o maior monumento da sabedoria e da memória na Antigüidade. Todos os tipos de ciências eram nela en-

contrados: matemática, astrologia, mecânica, medicina e tantas outras. Um lugar que servia de referência em termos de comércio e ciência, onde podíamos encontrar todos os tipos de pessoas, de todas as nações, circulando neste local, pois era uma cidade portuária. Por tudo isso, a cidade recebia influência de todos os lugares.

Os *Ptolomeus* eram considerados os “Patrocinadores do conhecimento”. Foi à dinastia dos *Ptolomeus* que mais cuidaram da construção, elaboração e crescimento da Biblioteca da Alexandria. Foi *Ptolomeu I Sóter (Salvador)*, que iniciou a construção, sendo terminada por *Ptolomeu II Filadelfo*. Este ergueu o famoso farol e abriu o canal que ligava o rio Nilo ao Delta. Percebeu a importância de transformar a biblioteca num templo de saber e não apenas num lugar de antiguidades.¹⁸

O último dos *Ptolomeus* foi Cleópatra, que mesmo depois de César tomar a maior parte da cidade da Alexandria, ela o solicitava em sua caminhada diária a biblioteca onde buscava por novas narrativas. O conquistador romano ficava encantado com sua vivacidade intelectual.

A biblioteca tornou-se, fazendo uma comparação, algo igual a uma Universidade, onde havia mestres e alunos, que buscavam pelo conhecimento, através de pesquisas e estudos sem fim. Eram, como dito anteriormente, astrólogos, matemáticos, e filósofos e outros tantos que estavam ali a prontos a pesquisas. Todos eram assalariados. *Ptolomeu Filadelfo* era um entusiasta da ciência, e resolveu integrar as culturas grega e egípcia, por isso o grego era a língua utilizada na biblioteca.

Grandes pensadores viveram nela e nela cresceram intelectualmente falando, deixando sua contribuição para o mundo: Arquimedes, Aristarco de Samos, Apolônio de Perga, Heron de Alexandria.

Para organizá-la, havia um bibliotecário-mestre, que era quem cuidava de todos os escritos, coordenava as cópias feitas pelos copistas da biblioteca, classificava os textos, além de orientar o gosto e a leitura dos príncipes reais.¹⁹

¹⁸ <http://www.educatererra.com.br/voltaire/antiga/2002/10/31/002.htm>, em 18/04/2004.

¹⁹ <http://www.educatererra.com.br/voltaire/antiga/2002/10/31/001.htm>, em 18/04/2004.

Eles eram filólogos e humanistas encarregados de organizar grandes obras da Antigüidade, por isso suas funções ultrapassavam as habituais. A esses escritos antigos se somavam o *Pentateuco*, os 70 manuscritos que continham o Velho Testamento, no qual trabalharam 72 filósofos convidados por *Ptolomeu Filadelfo* para traduzi-los do hebraico para o grego, na Alexandria. Quando um intelectual grego era convidado a ocupar esse cargo, era como chegar ao ápice de sua vida intelectual.

Alguns dos principais desses principais bibliotecários seguem abaixo:²⁰

Bibliotecário-chefe	Período
Demétrio de Faléreo	284 a.C.
Zenódoto de Éfeso	284 a 260 a.C.
Calímaco de Cirene	260 a 240 a.C.
Apolônio de Rodes	240 a 235 a.C.
Erastóstenes de Cirene	235 a 195 a.C.
Apolônio Eidógrafo	180 a 160 a.C.
Aristarco de Samortácia	160 a 145 a.C.

O grande acervo sofreu com vários incêndios, sendo que o primeiro de grande proporção em 48 a.C., e outros muitos ainda, ao longo dos anos, atingiram o templo do saber, durante alguns conflitos com os Romanos, mas em 641 houve um incêndio que destruiu tudo. Alguns atribuem a destruição definitiva ao califa mulçumano Omar.

A Biblioteca da Alexandria, por sua referência em termos de pesquisa e pelo volume de saber existente dentro dela, foi de suma importância. Era a memória de todo o povo daquela época, o retrato de uma civilização.

²⁰ <http://www.educatererra.com.br/voltaire/antiga/2002/10/31/001.htm>, 18/04/2004.

Hipertexto: a chave para a mega biblioteca

Uma pessoa capaz de guardar em sua mente a informação suprida em uma grande biblioteca emulária, de certo modo, com a mente de Deus. (ECO, 2003)

O hipertexto, por sua constituição, favorece ao usuário da Internet, o acesso a uma gama de informações nunca antes vista ou acessadas em um só lugar, ou melhor, em um só contexto.

Se uma biblioteca é o templo que reúne todos os saberes numa **memória vegetal** (grifo meu), como disse Umberto Eco (2003), em sua palestra na Biblioteca da Alexandria, a Internet é a memória em carbono. Se a biblioteca é um templo, que tem por finalidade maior a guardar os saber coletivo, para eternizar as idéias e os sentimentos humanos, além de favorecer o homem com o acesso, a Internet, é com certeza, a maior biblioteca já vista de todos os tempos.

Tanto quanto uma biblioteca convencional, a Internet guarda em sua memória de carbono, grandes obras literárias e diversas análises sobre elas, ensaios universitários, teses, histórias sobre civilizações antigas, comparações antropológicas de sociedades diversas, bem como também podemos ter conhecimento de qualquer assunto que julgemos existir.

A estrutura que permite a qualquer usuário o acesso, a todo tipo de informação, é o hipertexto. Ele, através de seus ícones, sentenças ou palavras marcadas, imagens e tantos outros itens, possibilitam o link, que nada mais é que uma viagem a outro contexto, como a que fazemos na nossa memória do corpo humano, quando buscamos lembrar de algo.

Segundo Eco, “o hipertexto é uma rede multidimensional ou um labirinto em que cada ponto ou nó pode ser potencialmente ligado qualquer outro nó”, o que significa dizer que o hipertexto é chave que nos liga a “Grande Teia” (www). Ele é o instrumento de acesso a essa mega biblioteca, ou essa macro enciclopédia, “Mãe de todos os Hipertextos”, chamada Internet.

RENASCIMENTO: O INÍCIO DOS TEMPOS MODERNOS

O mundo todo está cheio de pessoas sábias, de preceptores eruditos, de grandes bibliotecas; parece-me que nem no tempo de Platão ou de Cícero havia condições de estudo como agora...
(PANTAGRUEL, *apud* ARRUDA, 1984, p. 35)

Segundo José Arruda, Assistente Doutor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, o Renascimento foi à época da História Universal que deu início aos tempos modernos na Europa, tendo seu ápice entre os séculos XV e XVI. O termo Renascimento foi resultado da preocupação dos homens em recuperar valores da cultura antiga, fazendo oposição à cultura medieval a qual desprezavam.

Os homens renascentistas eram conscientes da diferença existente entre a sua época e a anterior, Idade Média, julgando a cultura medieval consideravelmente, inferior a da Antigüidade, fazendo uma oposição, permanente, entre uma e outra. Julgavam viver num período de luz depois das “trevas”. (ARRUDA, 1984: 31)

O Renascimento surge na Europa, mais exatamente na Itália e só foi possível devido a uma série de fatores da história italiana que favoreceram seu surgimento.

Muita gente enriqueceu em função do comércio e do crescimento das cidades italianas, o que beneficiou os artistas que eram protegidos e financiados por esses comerciantes. Esses protetores eram chamados de *mecenas*. Ser um mecenas trazia prestígio e respeito além de créditos para divulgar as atividades de suas empresas, em outras palavras, o interesse social e econômico auxiliou o Renascimento em seu desenvolvimento.

As idéias renascentistas foram disseminadas na Europa, bem mais tarde, através das guerras da Itália com outros países, porém nenhum outro foi tão “enriquecedor”, “profundo”, “completo” quanto na Itália. Cada país, ao desenvolver as idéias renascentistas, adquiriu características próprias, só tendo em comum o apego ao intelectual e artístico.

Além de trazer a tona à cultura greco-romana, o renascimento permitiu ao homem redescobrir os valores do próprio homem, mo-

vimento que chamamos de antropocentrismo, pois o homem, seus desejos e valores, estão à frente de Deus, que era o centro de tudo na cultura medieval (teocentrismo). Outra característica importante é o fato dos homens renascentistas serem racionalistas, uma vez que tinham a convicção de havia sempre uma explicação lógica encontrada na razão do homem ou nas ciências.

O Humanismo foi essa revolução literária e científica vivida nesta época do Renascimento. Os protegidos dos mecenas ou os homens da Igreja envolvidos nas produções artísticas e que necessitavam de investimento ou apoio financeiro eram denominados *humanistas*.

As idéias humanistas foram amplamente disseminadas graças à invenção da imprensa, que tornou mais fácil a publicação de livros, que antes eram confeccionados pelos copistas, tornando o livro mais acessível e mais barato, além de poder fazê-los em grande escala para a época.

A Itália foi o principal centro humanista da Europa e do Mundo, ao final do século XV. Os estudos iniciaram com a chegada de homens vindos de Constantinopla, cidade do Oriente, também principal centro cultural daquela região. Em Florença, Lourenço de Médicis fundou uma academia de pensadores, onde homens notáveis tentavam criar parâmetros entre o pensamento antigo e pagão, e os ideais cristãos, numa tentativa de conciliar a filosofia de Platão e o Cristianismo. Por sua vez, os humanistas pagãos criticavam o Cristianismo, fazendo estudos sobre a história da Antigüidade, comparando-os aos textos sagrados.

Os *humanistas* tendiam ao individualismo, reflexo do antropocentrismo; acreditavam no potencial do homem e no seu progresso. Tinham uma “sede de aprender, tudo que fosse possível”. Extremamente cultos e admiradores da cultura antiga, os humanistas, buscaram por todo o Mundo, os textos desenvolvidos na Antigüidade, para copiá-los, corrigi-los e comentá-los. Para isso precisaram aprender o grego, o hebraico e outras línguas antigas.

Assim, esses estudos filológicos iniciados pelos humanistas, ainda na época do Renascimento, resultaram em uma técnica, que “procura apurar um texto, buscando sua genuinidade”, a edição crítica. (SPINA. 1977: 59).

A crítica textual

A Filologia é o conjunto das atividades que se ocupam metodicamente da linguagem do Homem e das obras de arte escritas nessa linguagem. (AUERBACH, 1972: 11)

A Filologia, segundo citação de J. Mattoso Câmara Jr., em seu Dicionário de Lingüística e Gramática, é “o estudo da nossa língua em toda a sua plenitude, e dos textos em prosa e verso, que servem para documentar”. É uma ciência que se propõe, num estudo diacrônico, entre outras atividades, buscar a genuinidade de um texto. Essa atividade específica é a crítica textual.

Como vimos anteriormente, a crítica textual, surge na Renascença, com o objetivo de buscar a última vontade do autor.

Muitos foram os filólogos que se destacaram nessa atividade, ainda na Renascença, mas foi após Lachmann (1793-1851), que os estudos tomaram posições “teóricas e metodológicas (...)”, sendo ele, a partir de então, considerado o criador da crítica textual” (grifo meu) (SPINA, 1977: 64).

Antes de Lachmann, a hermenêutica e a crítica era a base para o trabalho que resultava nas edições de textos gregos e latinos, sendo até muitas delas não superadas.

Segundo Segismundo Spina, autor de *Introdução à edótica*, Lachmann, ao redigir o prefácio de sua edição a Propércio, ainda com 22 anos, fez uma crítica sobre a forma que se editavam os textos, entendendo que ao se utilizar um texto autorizado para nele fazer modificações, tornava-o uma edição crítica. Essa edição era subjetiva, pois o filólogo ao cumprir a fixação do texto não dava satisfações sobre esse procedimento. O editor elegia um texto sagrado, um texto canônico, e corrigia, avaliava, alterava face a face com um códice (o códice pertence à tradição manuscrita, era feito a partir de tronco de madeira, coberto com uma cera especial que possibilitava receber escrita (SPINA, 1977: 23). Lachmann, em suas edições, estabelece um sistema de crítica objetiva, uma vez que sempre havia criticado o antigo método. O método lachmanniano se caracteriza pela objetividade, sendo também racionalista e mecânico, talvez por conta de sua procedência alemã. Mesmo assim, somente quando faz a edição crítica do Novo Testamento é que reconhece a inflexibilidade de seu

método, diante da necessidade de adaptação do texto.

Um texto crítico é o resultado de uma investigação filológica, que o reconstitui, sendo essa ainda a etapa mais importante, tanto em um texto manuscrito, quanto num texto impresso. “Editar um texto consiste em reproduzi-lo”, segundo Spina, e quatro são as formas de reprodução de um texto:

1 – Reprodução mecânica – é aquela feita por instrumentos de cópia tais como fotografia ou a xerografia, que são formas de reprodução com fidelidade ao texto, como o fac-símile. Daí a denominação foto mecânica ou fac-similar.

2 – Reprodução diplomática – Como o próprio nome diz, reproduz, tipograficamente, de maneira fiel, os manuscritos em sua grafia, ligaduras, abreviações, erros, sinais, lacunas e qualquer outra passagem. Recomenda-se que esta edição seja acompanhada de outra de fac-símile, do original.

3 – Transcrição diplomático-interpretativa – É uma tentativa de melhora do texto, pois “elimina as dificuldades de natureza paleográfica” pertencentes à escritura em questão, tornando-a uma forma interpretativa do original.

4 – Texto Crítico – é reprodução mais fiel ao texto original, pois o editor crítico procura de toda forma, chegar à vontade última do autor, porém sem macular o texto, sem contaminá-lo. Neste são aplicados às normas da crítica textual, porém de texto pra texto, deverá o crítico encontrar maneiras e técnicas próprias de chegar ao seu objetivo final, o texto original, porque não há uma receita única para esse tipo de análise.

Os dois primeiros tipos, edição mecânica e diplomática, de análise ou cópia textual, são direcionados aos especialistas, pois os erros, os tipos de manuscritos, as inúmeras lacunas, a falta de sinais de pontuação, e outros tantos itens, dificultam a leitura dos mesmos. Os dois últimos tipos, porém, têm um público mais amplo.

As etapas estabelecidas por Lachmann para o trabalho crítico com os textos são:

Recensio – é o momento em que o filólogo faz o levantamento dos dados relacionados ao texto em questão. Muitas vezes o texto

que temos acesso, poderá se encontrar em transmissão direta, ou seja, quando após a revisão, permanece a vontade última do autor, ou indireta, que tem sua relevância, pois ela, mesmo com presença de lacunas, poderá auxiliar o trabalho de edição crítica, por conter informações relevantes. A transmissão direta é a fundamental, mas nem por isso devemos desprezar a transmissão indireta.

A *recensio* poderá ser feita de duas formas:

Aberta – Quando o texto só poderá ser estabelecido pelos critérios internos do juízo crítico, pois ele não leva em consideração os critérios quantitativos e automáticos. É quando há uma manipulação, ou contaminação, de acordo com o crítico textual, que irá alterar o conteúdo do códice ou do impresso, de acordo como dito anteriormente, com seu juízo crítico.

Fechada – Quando as fontes textuais são fiéis ao original, não “contaminando” o texto com alterações vindas do editor crítico.

Collatio – após o levantamento, *recensio*, é feita uma análise que busca identificar os pontos comuns nos textos manuscritos ou impressos que estejam disponíveis. O tipo de *recensio* será determinante nessa etapa, pois será missão do crítico selecionar os textos que serão utilizados.

Eliminatio codicum descriptorum – com o resultado do *collatio*, nessa etapa em que se exclui os códices que são meras cópias, salvo aquelas que possam contribuir com o “estabelecimento crítico do texto”, o editor crítico traça o caminho para o seu trabalho. Quando o texto está impresso, fazer a distinção entre os textos reduplicadores, torna-se mais fácil, ao contrário da tradição manuscrita, que requer uma escolha mais cuidadosa.

Emendatio – nesta etapa somente se emenda o que for erro, deslize evidente ou gritante contra-senso. Quando um texto é corrigido por conjectura, há uma interferência do editor, que procura adequar os erros lingüísticos e culturais da época em que o mesmo foi elaborado. Outras ciências auxiliam a correção tais como a Paleografia, Escripologia, Diplomática, Grafemática e Codicologia. Somente quando essas ciências não preenchem as lacunas existentes é que o editor crítico poderá então interferir.

Constitutio textus – Esta é a etapa final, a qual está dividida em duas partes: a Introdução e o Texto propriamente. Na primeira parte, a Introdução, deverá conter todos os procedimentos, históricos e metodológicos que envolveram as etapas anteriores. A segunda parte, o Texto, é o próprio com o aparato crítico, ou seja, todos os textos e cópias, sua genealogia e variantes.

Todas essas etapas lachmannianas, descritas por Leodegário A. de Azevedo Filho, em Iniciação em Crítica Textual, nos mostram a importância de trabalho com cunho científico e metodológico para os estudos filológicos.

A apuração do texto literário é uma das mais importantes funções da filologia, através da Edótica, tão pouco cultivada por nós, pois fornece base indispensável ao entendimento não só do texto, como também conhecimento sobre as culturas de outros tempos. Mais que isso, nos permite ter a visão de vida, de mundo, visão de tudo que cerca a sociedade em questão.

É possível fazer crítica textual no texto virtual?

Qualquer edição crítica é uma representação, sempre, uma tentativa de restauração de um texto, provisoriamente definitiva enquanto não surjam outras baseadas em novos achados ou em diferentes perspectivas metodológicas que possam lançar novas luzes sobre o original. (SPINA, 1977: 127)

Muitos dos textos da Antiguidade passaram pelas mãos habilidosas dos copistas e mais adiante de filólogos, que ansiosos por dissecarem o texto e a sociedade a qual o mesmo foi produzido, não perdiam tempo em analisá-lo detalhadamente.

Para que pudessem ser trabalhados, esses textos precisavam ser reconstruídos, palavra a palavra, linha a linha, parágrafo a parágrafo, como pudemos ver anteriormente.

Essa tarefa era muito trabalhosa, pois exigia que o pesquisador buscasse as cópias existentes espalhadas por diversos lugares no mundo, separar os códices que realmente interessavam, que pudessem enriquecer o trabalho de pesquisa, em busca sempre da vontade

última do autor.

É importante ressaltar que todos os textos escolhidos pelos pesquisadores eram de uma maneira geral, textos canônicos, textos que atravessaram séculos e séculos, de maestria e delicadeza. Mas e o que dissermos dos textos virtuais, os hipertextos, tão fugazes, objetivos, superficiais? Seria possível, desse texto, fazermos uma crítica textual?

Ao acessarmos um site e nos interessamos por um determinado texto ou uma imagem, tendemos a salvá-los em nossos arquivos. Muitas vezes, recortamos o que nos interessa e simplesmente “colamos” no programa Word, para dali salvamos para os nossos documentos e arquivos. Se este for utilizado em uma pesquisa, sabemos de antemão que teremos que anotar o dia e a hora de acesso, pois como foi dito anteriormente, o hipertexto, é um texto, que tem como principal característica a mudança rápida de seu conteúdo.

Quando utilizamos o Word, um editor de texto do programa Windows, e ocorre uma queda de luz, por exemplo, o próprio programa, em defesa do seu trabalho, faz um backup, para mais tarde fazer uma recuperação do texto trabalhado, em um arquivo temporário. Esse arquivo tem esse nome, pois ficará a disposição do usuário por pouco mais de 3 (três) semanas.

Há em nossos computadores um diretório, que tem como objetivo maior fazer um backup de todo texto, arquivo, imagem que é explorada ou acessada da Internet, como garantia de que o arquivo não se perderá facilmente. No Windows ele também tem a função de auxiliar o sistema a carregar novamente a página acessada, diminuindo o tempo de acesso a rede. É o diretório Windows/ Internet Temporary Files.

Nele, arquivos e páginas de sites são armazenadas durante 3 (três) semanas pelo menos, o qual podemos acessar, facilmente, através do Windows Explorer. Todo o hipertexto, com ícones, imagens e textos é encontrado facilitando o trabalho do editor, que na busca do último desejo do autor, poderá ali encontrar material para reconstruir o hipertexto.

CONCLUSÃO

Com este trabalho, conseguimos concluir que há possibilidade de realizarmos crítica textual no hipertexto, pois ao estudarmos a Internet, apontamos para o fato de que quando acessamos uma página ou “carregamos”, “copiamos” e “colamos” um hipertexto, este fica armazenado em um diretório de arquivos temporários *tmp, no Word, por exemplo. Eis a fonte para realizarmos a crítica textual, pois se esta visa buscar a última vontade do escritor, nada melhor do que termos o texto na íntegra, como se fosse com uma certa fidelidade, a produção do autor.

Texto, biblioteca e Internet: passos largos até chegar ao que temos hoje, o hipertexto.

Em nosso estudo acabamos concluindo, também que há probabilidade de realizar as críticas genéticas em hipertextos, e, por isso o caminho seria saber antes a origem do próprio texto, buscando onde nasceram os sites, quem sabe nos bankbones, que são gerenciadores de informações da Internet, mas isso seria um outro estudo.

Há muito para discutirmos a respeito da crítica textual no hipertexto. Não conseguimos aqui encerrar este assunto, até porque não era esta a nossa intenção; e sim iniciarmos uma discussão que ainda tem muito para render.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRUDA, José Jobson de Andrade. *História Moderna e Contemporânea* 17ª ed. São Paulo: Ática, 1984.

AZEVEDO FILHO, Leodegário Amarante de. *Iniciação em Crítica Textual*. Rio de Janeiro: Presença; [São Paulo]: EDUSP, 1987

AUERBACH, Erich. *Introdução aos Estudos Literários*. 2ª ed. Tradução de José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1972.

CAMARA Jr., J. Mattoso. *Dicionário de Linguística e Gramática*. 13ª ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

ECO, Umberto. “Muito além da Internet”. Palestra na Biblioteca da Alexandria publicada na *Folha de São Paulo* no caderno “Mais!”

Tradução Rubens Figueiredo. Em 14/12/2003.

Enciclopedia de la Biblia. Barcelona: Garriga, [s/d.].

GRECO, Vera Regina Luz. *Jornal do MARGS*, nº 83.

HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. *Minidicionário Houaiss de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KATO, Mary A. *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. São Paulo: Ática, 1986.

MELLO, Leonel Itaussu Almeida; COSTA, Luís César Amad. *História antiga e Medieval: Da comunidade primitiva ao estado moderno*. São Paulo: Abril Educação, 1985, p. 37.

PLATÃO & FIORIN. *Lições de texto: leitura e redação*. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2001.

RAMAL, Andre Cecília. *Educação na Cibercultura: Hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem*. Porto alegre: Artmed, 2002.

SPINA, Segismundo. *Introdução à Edótica: crítica textual*. São Paulo: Cultrix; Edusp, 1977.

www.educatererra.com.br/voltaire/antiga/2002/10/31.002.htm, em 18/04/2004.

www.educatererra.com.br/voltaire/antiga/2002/10/31/001.htm, 18/04/2004.

www.hotlink.com.br/suporte/suporte_manual/manual2.php, em 21/04/2004

www.hotlink.com.br/suporte/suporte-manual1.php, em 21/04/2004.

www.hotlink.com.br/suporte/suporte-manual5.php, em 21/04/2004.